



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIA KAROLINE SANTANA DE MEIRELES

**O TRABALHO INFANTO-JUVENIL CONTEMPORÂNEO NO ESPAÇO DA FEIRA
LIVRE NO MUNICÍPIO DE SAPÉ – PB**

GUARABIRA

2021

MARIA KAROLINE SANTANA DE MEIRELES

**O TRABALHO INFANTO-JUVENIL CONTEMPORÂNEO NO ESPAÇO DA FEIRA
LIVRE NO MUNICÍPIO DE SAPÉ – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no âmbito do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Saturnino da Silva.

GUARABIRA

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M514t Meireles, Maria Karoline Santana de.

O trabalho infanto-juvenil contemporâneo no espaço da feira livre no município de Sapé-PB [manuscrito] / Maria Karoline Santana de Meireles. - 2021.

39 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Saturnino da Silva , Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."

1. Trabalho infanto-juvenil. 2. Feira livre. 3. Desigualdade social. 4. Implicações na educação. I. Título

21. ed. CDD 372.24

MARIA KAROLINE SANTANA DE MEIRELES

**O TRABALHO INFANTO-JUVENIL CONTEMPORÂNEO NO ESPAÇO DA FEIRA
LIVRE NO MUNICÍPIO DE SAPÉ – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no âmbito do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

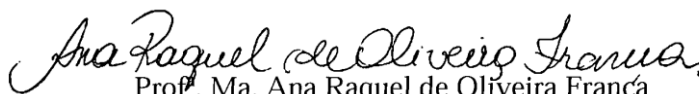
Aprovada em 08/06/2021.

Banca Examinadora



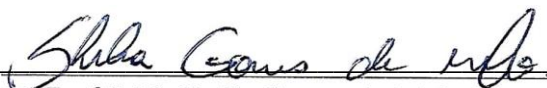
Prof. Dr. Marcelo Saturnino da Silva (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ma. Ana Raquel de Oliveira França

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ma. Sheila Gomes de Melo

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À Maria (in memoriam), minha querida tia que cuidou de mim como uma mãe, me apoiou e encorajou a prosseguir em todas as fases da minha vida, me ensinou o que é certo e o que é o errado e que, me amou e me desejou o melhor até seus últimos dias de vida, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Deus, o meu confidente, que sempre guardou o melhor para mim.

À minha família, pelo carinho e constante apoio no decorrer minha trajetória educacional.

Ao meu noivo Bento, pelas palavras encorajadoras que me permitiram sempre dar um passo a mais.

Às minhas amigas Rebeca e Elizonda, que a universidade me presenteou com esse laço fraterno de amizade que certamente perdurará para a vida inteira.

À minha fraterna amiga Gisely, que sempre esteve ao meu lado incentivando a melhorar e prosseguir confiantemente.

Ao meu professor Marcelo Saturnino, que esteve presente em toda jornada de minha graduação e que pacientemente me apoiou e orientou neste trabalho.

Ao saudoso Tim Bergling, pelas músicas que fizeram e fazem parte da trilha sonora da minha vida e das noites e madrugadas de estudos.

Aqui expresso carinhosamente meus sinceros agradecimentos por todo apoio e contribuição!

É muito triste, muito cedo
É muito covarde
Cortar infâncias pela metade.
(Emicida)

O TRABALHO INFANTO-JUVENIL CONTEMPORÂNEO NO ESPAÇO DA FEIRA LIVRE NO MUNICÍPIO DE SAPÉ – PB

Maria Karoline Santana de Meireles ¹

RESUMO

Este trabalho tem como foco o trabalho infanto-juvenil no âmbito da feira livre de Nova Brasília, bairro situado no município de Sapé – PB e visa responder questões relativas aos motivos, benefícios e implicações da inserção precoce, de crianças e adolescentes, no mundo do trabalho para a educação e saúde desses sujeitos. Para tanto, foi realizado um levantamento histórico acerca do trabalho em suas perspectivas positivas e alienadoras até a contemporaneidade, visando compreender a origem da exploração do trabalho infantil que acomete diretamente as classes sociais menos favorecidas. Realizou-se também uma pesquisa de campo no espaço da feira livre. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados a observação e entrevista semiestruturadas. Os dados foram analisados à luz das reflexões de Saviani (2007), Antunes (2005), Marx (1968), Vygotsky (1991), ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, Araújo e Ribeiro (2018), dentre outros. Foi possível perceber que as percepções e motivações sobre o trabalho infanto-juvenil estão relacionadas às condições sócio-históricas e culturais dos diferentes grupos sociais os quais caracterizam o trabalho infantil ora como cultura, ora como meio de auxílio financeiro ora, ainda, como forma de aprender a trabalhar desde cedo para auxiliar no sustento da família e na formação do caráter.

Palavras-chave: Trabalho infanto-juvenil, Feira livre, Desigualdade social e Implicações na educação.

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba, Campus III. E-mail: karol.meireles7@gmail.com

ABSTRACT

This paper focuses on children's work within the scope of the free fair in Nova Brasília, a neighborhood located in the municipality of Sapé - PB and aims to answer questions related to the reasons, benefits and implications of the precocious insertion of children and adolescents in the world of work for the education and health of these subjects. In order to do so, a historical survey was carried out about work in its positive and alienating perspectives until contemporary times, aiming to understand the origin of the exploitation of child labor that directly affects the less favored social classes. A field research was also carried out in the space of the free fair. As data collection instruments, observation and semi-structured interviews were used. The data were analyzed in light of the reflections of Saviani (2007), Antunes (2005), Marx (1968), Vygotsky (1991), ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, Araújo and Ribeiro (2018), among others. It was possible to perceive that the perceptions and motivations about child labor are related to the socio-historical and cultural conditions of the different social groups which characterize child labor either as a culture, or as a means of financial assistance, or as a form of learn to work from an early age to help support the family and build character.

Keywords: Child and youth work. Free fair. Social inequality. Implications in education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I: O TRABALHO INFANTO-JUVENIL NA CONTEMPORANEIDADE E SEUS REFLEXOS NO DESENVOLVIMENTO E NA EDUCAÇÃO	13
1 O trabalho e suas reverberações no desenvolvimento humano	13
1.1 A exploração do trabalho infantil no âmbito do capitalismo.....	15
1.2 As implicações para a infância	18
CAPÍTULO II: O ESPAÇO DA FEIRA LIVRE COMO PALCO DO TRABALHO INFANTO-JUVENIL	22
2 Feiras livres e feirantes	22
2.1 A atuação das crianças e adolescentes na feira.....	24
2.2 Os impactos causados pelo trabalho na saúde	25
CAPÍTULO III: A FEIRA LIVRE DE SAPÉ-PB E SEUS FILHOS CAÇULAS – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	26
3 Apresentação do município e da feira livre de Nova Brasília	26
3.1 A feira e seus filhos caçulas – Um olhar para as diferentes percepções sobre o trabalho infantil-juvenil	27
3.2 A feira e seus filhos caçulas – De frente para o público-alvo desta pesquisa	29
3.2.1 O carregador de feira	29
3.2.2 O comerciante.....	30
3.2.3 O auxiliar do pai	31
3.3 Motivações e implicações para trocar o a vida recreativa e escolar pelo trabalho	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICE A: ROTEIRO PARA ENTREVISTAS	38
APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO	39

INTRODUÇÃO

O trabalho infanto-juvenil na contemporaneidade está relacionado às condições sócio históricas e culturais e suas expressões tendem a variar no tempo, no espaço e também entre os distintos grupos sociais. Diferentes grupos também tendem a perceberem e caracterizarem o trabalho infanto-juvenil ora como cultura, ora como meio de auxílio financeiro ora, ainda, como forma de aprender a trabalhar desde cedo para a formação do caráter e aquisição de responsabilidade.

Nas sociedades capitalistas contemporâneas, o trabalho infantil geralmente está relacionado às desigualdades sociais e a pobreza, que atingem as famílias mais vulneráveis socioeconomicamente, contribuindo para a inserção precoce de crianças e adolescentes no mundo do trabalho. Para a desembargadora Viviane Colucci do TRT12 (Tribunal Regional do Trabalho da 12ª Região) trabalho infantil:

[...] está baseado numa estrutura social que promove desigualdade e infelizmente sobrevive em razão da concepção de que os filhos das famílias de condições sociais mais desfavorecidas devem trabalhar, seja como alternativa para gerar aumento da renda familiar, seja como forma de combate à perversa ociosidade².

Dentre os inúmeros locais nos quais se podem encontrar crianças e adolescentes trabalhando, será abordado os espaços das feiras livres, considerando que esses assumem, especialmente nos pequenos e médios municípios nordestinos, um papel importante para o abastecimento direto aos consumidores. Além de favorecerem hábitos culturais e sociais através do consumo, contribuem positivamente para a geração de renda dos produtores rurais e comerciantes urbanos, criando “um verdadeiro encontro entre a cidade e o campo” (ANDRADE, 1987, p. 103). Deste modo, as feiras livres, favorecem a lucratividade e expansão do capital nos pequenos municípios, podendo ser entendidas como pontos de economia, negócios, sociabilidade e hábitos culturais marcados pela relação em comum do trabalho.

Partindo dessas considerações, esta monografia tem como tema o trabalho de crianças e adolescentes, focando especificamente nos espaços das feiras livres, do município Paraibano de Sapé situado na região geográfica imediata de João Pessoa, com uma população estimada de

² Disponível em: http://www.tst.jus.br/noticias/-/asset_publisher/89Dk/content/trabalho-infantil-esta-ligado-a-estrutura-social-que-promove-desigualdade. Acesso em: 20 Set. 2020, às 19h31.

52.804 pessoas em 2020, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)³.

A pesquisa, da qual esta monografia resulta, teve como objetivo geral conhecer as causas e consequências educacionais da inserção precoce da criança e do adolescente no mundo do trabalho tendo como referência a feira livre do município de Sapé – PB. E como objetivos específicos:

- 1) Identificar quem é a criança que trabalha no contexto da feira livre do município de Sapé, em termos de sociodemográfico;
- 2) Entender os motivos que contribuem para o trabalho precoce das crianças e adolescentes nos espaços da feira;
- 3) Identificar os tipos de trabalho realizados pelas crianças e adolescentes no espaço da feira livre de Sapé;
- 4) Buscar as percepções dos familiares e feirantes acerca do trabalho infanto-juvenil no espaço da feira;
- 5) Perceber se e como o trabalho infanto-juvenil, no espaço da feira, interfere na educação dessas crianças.

Metodologicamente, fez-se uso da pesquisa qualitativa, fundamentada filosoficamente na abordagem histórico-cultural sob a luz dos pensamentos teóricos de Vygotsky. Conforme Minayo (2002, p. 22) pesquisa qualitativa: “[...] corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reproduzidos à operacionalização de variáveis”. Na perspectiva vygotskiana, a pesquisa histórico-cultural evidencia dois momentos, sendo o primeiro deles, o momento etnográfico, consistindo na descrição dos fatos observados e associada ao segundo momento, caracterizado pela explicação, que se refere na busca de causas e relações. Dessa forma, “[...] visa compreender os eventos investigados descrevendo-os, mas procura também suas possíveis relações, integrando o individual com o social, focalizando o acontecimento nas suas mais essenciais e prováveis relações”. (FREITAS, 2002 *apud* FREITAS, 2009, p. 4).

Entende-se como pesquisa histórico-cultural aquela que está em constante transformação, trata-se de observar os fenômenos investigados a partir de sua história e de sua respectiva evolução, entendendo assim os seus processos dentro da historicidade, “Estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança: este é o requisito básico do método dialético”. (Vygotsky, p. 74 *apud* FREITAS, 2009, p. 3).

³ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/sape/panorama>. Acesso em: 20 Set. 2020, às 19h27.

Os dados foram colhidos mediante a pesquisa de campo, a qual pode ser conceituada como um tipo estudo que com uso das técnicas de observação irá permitir a análise e interpretação dos resultados do objeto de investigação, diretamente do espaço onde ele se encontra. Segundo Minayo (2007, p. 61):

O trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os “atores” que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz a pesquisa social.

Fez-se o uso das técnicas de observação participante e entrevista semiestruturada com o auxílio de um roteiro. Para Minayo (2007, p. 70) a observação participante é definida como “[...] um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica”. No caso das entrevistas semiestruturadas, entende-se enquanto diálogo entre pesquisadora e pesquisados, visando a compreensão de lógicas que norteiam as práticas dos sujeitos investigados. No entanto, prossegue Freitas (2009, p. 5) afirmando que “o pesquisador tem possibilidades de aprender, se transformar e se ressignificar durante o processo de pesquisa. O mesmo acontece com o pesquisado, que não sendo coisa, mas sujeito, tem também oportunidade de refletir, aprender e se transformar no transcorrer da pesquisa”.

Através das mencionadas técnicas de pesquisa, este trabalho buscou conhecer quem será o público alvo, isto é, as crianças e adolescentes e qual o papel que eles exercem no setor trabalhisco da feira livre; analisar as percepções dos familiares sobre o trabalho exercido por suas crianças e adolescentes no espaço da feira; entender o que leva este público a se inserir precocemente no mundo do trabalho e como esse trabalho pode interferir na educação e; instigar se existem desafios a serem enfrentados para conciliar trabalho com a escola.

Trata-se do resultado de uma pesquisa realizada no âmbito da Curso de Pedagogia, como requisito para a obtenção do título de graduação em Pedagogia. A escolha da temática tem relação com o interesse pessoal na inter-relação entre trabalho e educação, razão pela qual decidiu-se correlacioná-los ao público infanto-juvenil e analisar as implicações do trabalho infantil para a educação desses sujeitos. A temática do trabalho infanto-juvenil, assume enorme relevância sociocultural e educacional, visto que as crianças e adolescentes que se submetem a trabalhar precocemente se encontram predestinados a caminhos em comum: a pobreza no âmbito familiar, que os obriga a iniciar no trabalho para auxiliar no sustento da família, relegando a escola a um segundo plano, em seus projetos pessoais.

Esta monografia é constituída por três capítulos. O primeiro capítulo traz um conjunto de reflexões acerca do trabalho em suas dimensões emancipatória e alienadoras; discute, ainda, a respeito da exploração do trabalho infanto-juvenil na sociedade capitalista, com ênfase nas percepções e implicações que esse trabalho traz ao desenvolvimento de crianças e adolescentes.

No segundo capítulo, é retratado a visão das feiras livres e a invisibilidade do trabalho de crianças e adolescentes nesses espaços, ressaltando-se os riscos que podem trazer para a saúde. Por fim, no terceiro e último capítulo, apresenta-se as informações do estudo de campo e sucessivamente seus resultados e análise.

Nesta perspectiva, espera-se que os resultados desta pesquisa, aqui apresentados, possam colaborar para uma reflexão crítica sobre o trabalho infanto-juvenil na contemporaneidade e sua relação com a educação, além de contribuir para ampliar a visão e a importância que esse tema possui dentro e fora do âmbito educacional.

CAPÍTULO I

O TRABALHO INFANTO-JUVENIL NA CONTEMPORANEIDADE E SEUS REFLEXOS NO DESENVOLVIMENTO E NA EDUCAÇÃO

O objetivo deste capítulo é discorrer acerca do termo trabalho com base na perspectiva marxista, abordando a relação entre trabalho e desenvolvimento humano, seja de forma positiva, seja em sua dimensão alienadora. Pretende-se também, no contexto deste capítulo, discutir acerca das percepções e implicações do trabalho infanto-juvenil na sociedade capitalista até os dias atuais.

1 O trabalho e suas reverberações no desenvolvimento humano

Antes de discorrer acerca do trabalho infanto-juvenil contemporâneo, por que não abordar o termo “trabalho”? Embasando-se nos pensamentos de Demerval Saviani (2007), o trabalho pode ser entendido como atividade consciente, exclusivamente humana e pelo qual se busca atingir um determinado fim: transformar a natureza visando a satisfação das necessidades humanas. Acerca disso, Karl Marx (1968, p. 205) pontua:

No processo de trabalho, a atividade do homem opera uma transformação, subordinada a um determinado fim, no objeto sobre que atua por meio do instrumental de trabalho. O processo extingue-se ao concluir-se o produto. O produto é um valor-de-uso, um material da natureza adaptado às necessidades humanas através da mudança de forma. O trabalho está incorporado ao objeto sobre que atuou. Concretizou-se e a matéria está trabalhada. O que se manifestava em movimento, do lado do trabalhador, se revela agora qualidade fixa, na forma de ser, do lado do produto. Ele teceu e o produto é um tecido.

Ainda apoiando-se nos pensamentos de Saviani (2007), enfatiza-se que o trabalho é fonte de humanização, dá sentido à vida, educa, desenvolve capacidade/potencialidade. Saviani (2007) enfatiza que apenas o ser humano trabalha e educa, pois ele é capaz de refletir, diferentemente dos animais que agem por extinto, se adaptando à natureza, enquanto o ser humano precisa adaptar a natureza a ele através do ato de produzir e transformar a natureza a seu favor.

O trabalho, qualquer que seja ele, é constituído por três momentos, indissociáveis, segundo Georg Lukács (*apud* LESSA, 1992, p. 43). Para esse autor, o primeiro momento, pode

ser denominado de “prévia-ideação”, caracterizado pela idealização. Momento predominante da subjetividade e do idealizar, pois, para exercer qualquer tipo de atividade, o ser humano precisa pensar e ter ideias acerca do que pretende realizar; o segundo é a “mediação”, marcado pela busca de meios e instrumentos, este é o momento de procurar auxílios que possam ajudar o ser humano a executar o seu trabalho e; o terceiro, denominado de “objetivação”, momento em que percorrida a subjetivação e mediação chega a concretização, tendo como resultado a externalização do produto.

O homem tem o poder de objetivar-se, por meio do seu trabalho, que é de modo exclusivamente humano e apresenta-se como uma alienação positiva de sua vida.

A objetivação/alienação em Lukács, portanto, é um momento ineliminável, um componente ontológico imprescindível, da práxis humano-social, do devenir humano dos homens. Apenas se alienando podem os homens, enquanto indivíduos e enquanto humanidade, se constituírem como tais. Em definitivo, para Lukács, não há ser social sem objetivação/alienação. (LESSA, 1992, p. 50) ⁴

Assim, para submeter-se ao ato do trabalho, qualquer que seja ele, o ser humano precisa do auxílio de meios e instrumentos para efetivá-lo, isto é, ele necessita objetivar a sua subjetividade, como diz Antunes (2005, p. 67) “[...] o ser social dotado de consciência tem previamente concebida a configuração que quer imprimir ao objeto do trabalho no ato de sua realização”. Quando, no ato do trabalho, um desses momentos não está presente é sinal de que o trabalho está amputado, falho, incompleto, apontando para o trabalho alienado, trabalho doentio e que favorece o adoecimento do ser que trabalha.

Na sociedade capitalista, a exploração do trabalho o configura enquanto trabalho alienado (estranhado), marcado pelo estranhamento do produto e do conjunto das objetivações humanas, com relação aos trabalhadores, visto que o produto do trabalho se converte em propriedade privada. Marx (1968) ressalta quatro níveis desta alienação: com relação ao produto, quando este produto deixa de ser propriedade do trabalhador direto; com relação à própria atividade produtiva, quando o trabalhador não trabalha para si, mas para os outros; com relação a sua vida genérica, quando o trabalho – atividade vital – torna-se apenas um meio para garantir a sua existência física; com relação aos outros homens e a espécie, uma vez que a relação entre homens e mulheres passa a ser substituída por relações entre coisas (mercadorias)

⁴ Disponível em: [Lukács: trabalho, objetivação, alienação \(scielo.br\)](https://doi.org/10.1590/S0034-71672011000100004). Acesso em: 18 Mar 2021.

e o trabalhador se ver descartado, excluído da espécie humana. Assim como expresso por Marx (2004 *apud* ANTUNES, 2005, p. 70):

O estranhamento do trabalhador em seu objeto se expressa, pelas leis nacional-econômicas, em que quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; que quanto mais valores cria, mais sem-valor e indigno ele se torna; quanto mais bem formado o seu produto, tanto mais deformado ele fica; quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador.

Portanto, partindo dessas reflexões, entende-se que o trabalho deve ser abordado de forma dialética, considerando sua dimensão humanizadora, que realiza o ser social e, a dimensão alienante, caracterizada pela desrealização do ser social. Uma vez que o ser social se encontra alienado ou estranhado com o seu trabalho e consecutivamente com o objeto que produziu, ou seja, ele não se reconhece em sua própria produção. Esta última dimensão é própria do capitalismo, modelo pela qual não faz distinção entre trabalho de homens, mulheres e crianças e trata de modo indiferente e até mesmo exploratório os impasses que estes passam para efetivar o trabalho, pois o único objetivo é o lucro.

1.1 A exploração do trabalho infantil no âmbito do capitalismo

O trabalho infantil julgado pelo senso comum, por vezes generaliza a compreensão e a expressão do termo trabalho, omitindo diversos fatores de caráter nele contido, além de ignorar a exploração, essa que, muitas vezes, passa despercebida. É importante enfatizar que existe uma diferença entre as definições de trabalho infantil e exploração do trabalho infantil. Visto que o trabalho infantil é qualquer forma de trabalho executado por crianças e adolescentes, enquanto a exploração do trabalho infantil, trata-se de uma faceta do trabalho infantil, pois está relacionado com a alienação e estranhamento do jovem trabalhador que têm seus direitos roubados, em decorrência da crescente instabilidade econômica que os leva a trabalhar (OLIVEIRA et al., 2015 *apud* ANTUNES, 1995, p. 131).

Para Vygotsky (2004, p. 5), a organização social capitalista tem conduzido a uma "degradação mais profunda da personalidade humana e de seu potencial de crescimento", isto é, o desenvolvimento é visto como um processo dialético, que se constitui de períodos de crise e estabilidade, a partir das atividades de crianças no meio social. Na perspectiva histórico-

cultural, o desenvolvimento do ser humano é constituído por momentos e fases: infância, adolescência, vida adulta e velhice, e em cada uma dessas fases existe uma atividade guia, isto é uma atividade que é central.

A partir dessas considerações, Vygotsky (1991) compreende a infância como guiada pelo brincar e estudar; já a adolescência é vista como uma fase marcada pela atividade guia do estudo e das relações sociais (sociabilidade). Nesse sentido, o trabalho não é e nem deve ser considerado uma atividade guia para a criança e adolescentes. Os direitos da criança devem ser respeitados e preservados de modo a garantir os estudos, a saúde física e mental, promovendo a infância em todas as suas vertentes, principalmente no que se refere a ludicidade.

O ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990), nos seus artigos 60 a 69, enfatiza a proteção integral à criança e ao adolescente proibindo qualquer trabalho infantil e permitindo o trabalho, no final da adolescência, apenas na condição de aprendiz. No entanto, na sociedade capitalista, essa questão é desconsiderada, pois como o sistema visa o lucro e seu crescimento então, não há consideração pelas crianças e adolescentes, uma vez que são tidos como mãos de obra barata.

Com a Revolução Industrial e a implantação do sistema fabril na segunda metade do século XIX, a exploração do trabalho infanto-juvenil cresceu, pois a procura por mão de obra barata se intensificou, consecutivamente também aumentando o número de crianças e adolescentes oriundos de classes subalternas inseridos precocemente no mundo do trabalho, os quais, tinham de se contentar com o miserável salário que lhes era oferecido, não sendo raros os casos de não recebimento de remuneração, a exemplo dos orfanatos presentes no início da revolução industrial, verdadeiros celeiros de mão de obra infantil a serem exploradas pela nascente indústria têxtil.

A relação de exploração infantil está associada à história do trabalho no país onde por muito tempo as crianças eram submetidas ao trabalho desumano. Nesse período, os donos do meio de produção, que possuíam força política, visavam mão-de-obra barata, estimulando a permanência do trabalho infantil. (KOHN; ALVES, 2011, p. 259)

Ainda no século XIX, momento histórico e impactante marcado pela implementação do sistema fabril, injustiças, exploração. Toma-se como exemplo da exploração infantil e da desigualdade social nessa época, o filme britânico do diretor Roman Polanski “Oliver Twist” (2005), que narra a história de um garoto órfão que vivia em um orfanato (local que objetivava cuidar das crianças e consecutivamente a fazerem uso de sua força de trabalho para servirem

de mãos de obra barata em fábricas ou para serem escravas em casas de família) e que foi vendido para uma família. Cansado dos maus tratos e explorações do local ele resolveu fugir e foi viver nas ruas de Londres. Porém, inicia uma amizade com um homem que promete cuidá-lo, mas infelizmente tinha, também, a intenção de explorá-lo. Essa breve descrição, deixa evidente o destino incerto e infeliz de crianças órfãs e de classes subalternas.

Na época da industrialização, por volta de 1870, era comum a existência de anúncios em jornais solicitando o público infantil para trabalharem, principalmente no setor têxtil. Já em meados do século XX, a terminologia utilizada para caracterizar tal mão de obra – “meninos, meninas, assim como crianças e aprendizes” – intensificava a inserção precoce no exercício trabalhista (MOURA, 1999).

É nítido que a desigualdade social entre classes prevalece até nos dias atuais, considerando que a classe dos mais afetados financeiramente está destinada ao trabalho precoce, consecutivamente não obtendo o devido acesso à escolarização. As crianças que são inseridas precocemente no mundo do trabalho são na maioria das vezes pertencentes às classes sociais baixas, esse fato contribui para o fracasso escolar em suas diversas formas de expressão: evasão, repetência, distorção idade-série etc., afetando, negativamente, a vida profissional desses sujeitos, uma vez que este público terá limitações para se incluir nos postos de trabalho descente, por falta de escolarização adequada, restando-lhes assim, os trabalhos penosos, precários, insalubres, em breves palavras, os postos de trabalho indecentes.

No Brasil, a história não foi diferente: no período colonial e imperial a criança negra já era vista como escrava, era treinada por sua mãe a realizar os serviços domésticos da casa grande de seus senhores ou laborais. Faleiros (1995) complementa afirmando que os filhos e filhas dos escravos deixavam de ser percebidos como "crianças" e passavam a ser vistos como "escravos" a partir dos sete e/ou oito anos, quando eram inseridos no âmbito do trabalho como aprendizes. Já no Império, as crianças sem futuros promissores ou abandonadas eram acolhidas em Santas Casas de Misericórdia, instituições que objetivavam cuidar destas crianças e que também passou a ser reconhecida como um sistema de proteção formal (Marcílio, 2006).

Apesar dos discursos históricos acerca do trabalho e da exploração infantil, pode-se dizer que apenas nos meados do atual século é que foram tomadas medidas protetoras, movimentos e leis que defendem e asseguram os direitos de acesso à educação, saúde e alimentação e que tentam impedir a inserção no trabalho precocemente, tendo em vista que este pode afetar negativamente no desenvolvimento da criança e do adolescente.

Como exemplos desse movimento, visando a proteção de crianças e adolescentes, podemos citar o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, aprovado em 1990, que proíbe

quaisquer tipos de trabalho noturno, perigoso ou insalubre exercido por crianças e adolescentes. Tal Estatuto ressalta que, quando o trabalho acontece antes da idade adulta ele é chamado de trabalho infantil, o qual é definido como todo e qualquer trabalho exercido por menores de 16 anos de idade, salvo na condição de aprendiz a partir dos 14 anos. O ECA enfatiza em seu Art. 53 que a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho.

É correto perante a Lei 8.069, de 13 de julho de 1990 afirmar que, não é dever da criança e do adolescente se responsabilizar pelo sustento da família, visto que essa função é de inteira responsabilidade de seus pais ou responsáveis, pois o público infanto-juvenil ao ser inserido precocemente no trabalho pode desenvolver traumas e ter sua vida significativamente afetada nas várias dimensões: saúde, educação, lazer etc.

Porém diante da desigualdade social e falhas no sistema governamental que o nosso país e outros países enfrentam, o trabalho infantil ainda prevalece, pois o alcance das movimentações e implementações de leis que o combatem ainda não são efetivas, sendo assim, o trabalho infantil é visto, para muitas famílias, como um caminho, uma ajuda para a reprodução do grupo familiar.

1.2 As implicações para a infância

O trabalho infantil implica no distanciamento de brinquedos, brincadeiras e atividades lúdicas e educativas, deste modo atrapalhando ou interrompendo a escolaridade e o desenvolvimento. Quanto as brincadeiras, ainda existe a possibilidade de ocorrer nas horas vagas do exercício de trabalho com brinquedos improvisados e em lugares por vezes arriscados, assim tornando-se um momento de distração e de sociabilidade, porém precário e perigoso.

Para Vygotsky (1991), o contato da criança com o brinquedo e a brincadeira é crucial para seu desenvolvimento, visto que isso instiga aspectos fundamentais como a curiosidade, percepção e criatividade estimulando a imaginação sob vivências reais do cotidiano que são expressos dentro de suas brincadeiras, aspectos estes que assumem uma grande responsabilidade para a vida social do futuro adulto.

Infelizmente, os precoces trabalhadores estão situados em diversos lugares para exercer sua função, desde o ambiente rural à ambientes urbanos como as ruas e feiras livres e lugares fechados como fábricas e lojas. A falta de experiência, a baixa estatura e a falta de força bruta contribuem para que ocorram acidentes nos locais de trabalho e imprevistos a caminho do ofício, visto que tais locais e ferramentas de trabalho não são propícios para eles.

O trabalho precoce pode se tornar prejudicial ao desenvolvimento e a educação, por exemplo, quando uma criança é submetida a uma forma de trabalho que lhe exija capacidade física e mental além do que ela possa oferecer, isso poderá trazer sérias consequências para a sua vida, como também poderá afetar seu desenvolvimento no âmbito educacional e consecutivamente gerar o fracasso escolar e suas demais facetas.

É claro que toda criança deve ser ensinada sobre o que é dever e o que são obrigações. É claro, também, que a criança pode ajudar pai e mãe em casa, pode participar de alguns afazeres domésticos, deve aprender a importância do trabalho na vida e finalmente, pode brincar todo o tempo que quiser, contanto que nada disso retire o tempo do estudo. (Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Superintendência regional do trabalho e emprego no paraná, 2009, p. 9-11)

A exemplo do que traz a cartilha projetada pela Superintendência Regional do Trabalho e Emprego no Paraná, no que se refere as razões pelas quais crianças não devem e nem podem trabalhar estão: o desenvolvimento incompleto de ossos e músculos, ventila o pulmonar reduzida, frequência cardíaca maior do que a dos adultos, maior sensibilidade aos ruídos, pele muito mais sensível etc., são razões que ao não serem respeitadas podem prejudicar gravemente a saúde de uma criança, como também pode levar à morte.

No que se refere g nero, geralmente, é comum que os meninos mais velhos de uma família comecem a trabalhar cedo, enquanto os mais novos ajudam os pais em determinados exercícios, para as meninas está destinado os trabalhos/afazeres domésticos, quando não, também se submetem ao trabalho fora do âmbito domiciliar. Mas, vale ressaltar que de nenhuma forma, os pais ou responsáveis devem usar em seu favor nem de sua família qualquer provento que se possa ganhar com o trabalho infante-juvenil.

1.3 Percep es sobre o trabalho infantil

As percep es sobre o trabalho infante-juvenil na contemporaneidade estão relacionadas às condi es sócio históricas e culturais, onde inúmeras crianças e adolescentes testemunham e realizam atividades remuneradas ou não e, ainda, compartilham do mesmo destino: a pobreza no âmbito familiar, que os obriga a iniciar no trabalho mais cedo para auxiliar no sustento da família ou para fazer aquisi es para o uso pessoal, fatos esses que tem repercussões, nem sempre positivas, no desenvolvimento da criança e do adolescente e respectivamente na educa o (SAVIANI, 2007).

Importante ressaltar que pais ou responsáveis do público estudado não devem ser vistos como vilões por submeter seus filhos e filhas ao trabalho precoce, pois na sociedade atual eles se encontram na situação de vítimas da desigualdade social, sendo que sua classe é a menos privilegiada, são vítimas que com a ajuda de seus filhos e filhas enxergam a esperança de no final do dia ter comida na mesa. Não se trata apenas de trabalho, mas como um meio de sobrevivência, entretanto, é claro que há casos também de pais e responsáveis que obrigam seus filhos a trabalharem de forma alienada. Desse modo, fica cada dia mais difícil amenizar ou sanar o trabalho infantil pelo lugar de importância que, muitas vezes, esse trabalho ocupa para as famílias mais vulneráveis socioeconomicamente, haja vista que, em muitos casos, contar com o trabalho de crianças e adolescentes é uma das estratégias utilizadas para a reprodução do grupo familiar.

[...] embora haja uma “rede de proteção” à infância, através de leis específicas (em que o ECA é exemplo), programas governamentais de saúde e educação e elaboração científica dos cuidados que a infância requer, o que se observa é que as crianças aqui consideradas não chegam a acessar estes direitos. O trabalho infantil surge aqui como uma das formas desta desigualdade e, para as famílias, surge como “necessidade” que cumpre duplo papel: auxilia no sustento do grupo familiar e “educa” para a vida adulta. (MARCHI, 2013, p. 263)

As percepções empíricas acerca do tema veem como algo positivo, algo que contribui para a formação da criança, instrui, gera responsabilidade, caráter e auxilia financeiramente em casa. Mas, isso acontece porque a questão do trabalho infantil está associada, embora não esteja restrita, à pobreza e às desigualdades sociais existentes no Brasil. Nesse sentido, há reflexos de que a pobreza e a imprudência sejam as principais causas do trabalho infantil no país.

O Estatuto da Criança e do Adolescente determina que crianças e adolescentes devem ser protegidos contra toda a forma de negligência e opressão e que é dever da família e do Estado garantir os direitos fundamentais à vida, à sobrevivência, à saúde, à alimentação e ao desenvolvimento humano. No intitulado “Título I - Das Disposições Preliminares”, ressalta a garantia e não apenas os deveres relacionados aos direitos das crianças e adolescentes:

Art. 30 A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 40 É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2017, p. 10-11)

Visto que as crianças e adolescentes possuem direitos e garantias, mas acima de tudo também possuem necessidades, por que o Estado não providencia medidas para que não ocorra o trabalho infantil ao invés de propô-las apenas nos documentos? Documentos estes que talvez nem sejam tão divulgados, a ponto de nem toda a população brasileira conhecer toda essas normativas.

CAPÍTULO II

O ESPAÇO DA FEIRA LIVRE COMO PALCO DO TRABALHO INFANTO-JUVENIL

Que a feira livre é um lugar de constante movimento com vendas de mercadorias e tráfego de pessoas, todos já sabem. Um lugar marcado pelo trabalho, este que é executado por inúmeras pessoas sem distinções de classe social, raça, etnia, gênero, religião ou faixa etária, e é aí que se passam despercebidas crianças e adolescentes que como os adultos se sobrecarregam, se responsabilizam e utilizam da força física para executar o trabalho em qualquer que seja a função.

Neste capítulo, o objetivo é focar no que está oculto dentro da feira livre, no que inúmeras pessoas veem e fingem que não veem, tornando e tratando às cenas que veem como algo totalmente normal: crianças e adolescentes desempenhando um papel que não era para ocorrer tão precocemente.

2 Feiras livres e feirantes

As feiras livres são espaços de compra e venda de produtos a céu aberto, ou seja, o comércio acontece em espaços livres. No Brasil, as feiras existem desde o período colonial, surgiram no intuito de desenvolver e promover as vendas e enaltecer o crescimento do capital no país.

É comum que em cada cidade haja ao menos uma grande feira em locais fixos e predestinados. Dentre as mais famosas existentes no Brasil, pode-se citar a Feira de Caruarú, em Pernambuco, uma feira livre que existe desde o início do século XVIII, inclusive ela foi tema de uma música de Luiz Gonzaga em 1957 chamada “Feira de Caruarú”, na qual acabou enaltecendo ainda mais o seu valor e prestígio, como também tornando ponto turístico do estado.

No estado Paraibano, são por demais conhecidas as feiras de João Pessoa, capital do estado, tal como a feira de Jaguaribe, feira do Bessa, Feirinha de Artesanato de Tambaú entre outras. Em Campina Grande, também é bastante conhecida a Feira Central de Campina Grande, pela venda de produtos típicos como doces, queijos de manteiga e de coalho. Como também a Feira livre de Sapé, conhecida pelo alto comércio e exportação de abacaxi.

Embora as feiras do estado paraibano não tenham alcançado destaques nacionais, se destacam cada qual em suas cidades e em cidades de estados circunvizinhos, tornando-se pontos culturais, tradicionais e populares para os seus habitantes, turistas, comerciantes e consumidores, além de serem importantíssimas para a movimentação do capital.

O aroma de frutas e hortaliças frescas, a vasta imensidão de legumes, verduras e proteínas, as ofertas feitas oralmente pelos comerciantes, as vozes atropelando umas às outras, o grande tráfego de pessoas indo e vindo, as vendas de roupa e artesanato, o trabalho a todo vapor seguido de inúmeras habilidades e técnicas de vendas, as barracas organizadas em filas ou não, são algumas descrições da feira livre. Em breve síntese, a feira é uma exposição de arte e cultura aberta para todos.

No que se refere as técnicas e habilidades para a comercialização de seus produtos, é necessário que os feirantes tenham a lábia para negociar, a criatividade e originalidade para atrair os clientes, o saber matemático para calcular valores dos produtos como também para efetuar o troco, também compreendido como saber “etnomatemático”, pois “em suas atividades, conhecimentos matemáticos que vão além do seu nível de escolaridade” (ARAÚJO; RIBEIRO, 2018 *apud* Almeida, 2017, p. 14). Trata-se uma aula, um show de conhecimentos que por vezes foram aprendidos de forma popular e empírica.

Feirantes diferenciam seus produtos para negociar melhor pois feira é palco do saber-fazer negociação, exige técnicas próprias de marketing, de quantificações, medições, classificações, comparações, elegendo e utilizando os conhecimentos e instrumentos de que eles [os feirantes] dispõem em seu contexto imediato (ARAÚJO; RIBEIRO, 2018 *apud* ALMEIDA, 2017, p. 15).

A despeito da contribuição para a economia das cidades, as feiras exercem essa função de modo em que relaciona as zonas rurais e urbanas, ou seja, é na zona rural que acontece a plantação e cultivo de diversos alimentos e é na zona urbana, a partir de um espaço predestinado e fixo que ocorre as feiras livres aonde esses alimentos serão comercializados e vendidos. E por conseguinte, as rendas dos feirantes movimentarão as lojas, bares, restaurantes, casas lotéricas entre outros estabelecimentos que compõe cada cidade. A feira se torna um “indicador da dinâmica econômica dos municípios” (ARAÚJO; RIBEIRO, 2018 *apud* COELHO, 2008, p. 21).

O espaço da feira livre além de ser um lugar repleto de alimentos a artesanatos (cada qual se delimitando em distintas áreas ou setores para a venda), vendedores e compradores também enaltecem o árduo trabalho de pessoas de todas as idades, assim passando

despercebidas as crianças e os adolescentes ali presentes que, também exercem assim como os adultos alguma função no meio de toda a euforia.

2.1 A atuação das crianças e adolescentes na feira

Ao percorrer os espaços das feiras, qualquer observador tende a se deparar com o trabalho infanto-juvenil ali presente, pois o trabalho não leva em consideração gênero, raça, religião e muito menos a faixa etária. Importante salientar que se está ali trabalhando é porque precisa, é obrigado. É esta a realidade de inúmeras crianças e adolescentes que trabalham nas feiras livres, uma realidade dolorosa, que os tira o direito de viver a infância e a juventude.

Dentre as funções que as crianças e adolescentes assumem no espaço da feira livre, cita-se os que comercializam produtos e os carregadores de mercadorias, também conhecidos como carregadores de feira, estes usam como instrumento de trabalho o carro de mão para transportar as compras dos consumidores da feira sem o auxílio de um responsável adulto. Esses carregadores de mercadorias cobram um valor extremamente pequeno e inserem muita força física, por diversas idas e vindas durante o dia (PANDOLFO, 1987). Há também as crianças e adolescentes que estão presentes na feira para trabalhar juntamente com os pais feirantes, estes auxiliam no atendimento ao cliente e nos serviços que seus pais ou responsáveis lhes direcionam.

As grandes feiras ocorrem no sábado e domingo, dias estes que as crianças e adolescentes em questão trabalham mais arduamente e, no meio da semana, ocorrem pequenas feiras com poucos feirantes e consumidores e consecutivamente os precoces trabalhadores quase não se sobrecarregam, o que para eles não é bom, já que sem feiras para o carregador transportar e sem comprador para os jovens comerciantes, consecutivamente não há dinheiro para ganhar.

Para Araújo e Ribeiro (2018), as feiras nordestinas são espaços masculinos, onde os meninos ocupam mais funções do que as meninas, essas estão presentes com menos intensidade do que os meninos. Já que, geralmente as meninas se ocupam com os serviços domésticos, enquanto os familiares trabalham fora.

O jovem trabalhador passou a ser visto com naturalidade pelas pessoas, que os consideram mini adultos. Mas, eles não são mini adultos, são crianças e adolescentes que ainda pensam e sentem vontades como o que realmente são, mas devido as necessidades agem com as mesmas responsabilidades de adultos e, certamente não possuem a vitalidade de um adulto, fazendo com que prejudiquem pouco a pouco a saúde física e mental.

2.2 Os impactos causados pelo trabalho na saúde

O trabalho, ao ser executado de maneira não instruída e não premeditada pode ocasionar sérios problemas à saúde, ainda mais quando o indivíduo se esforça além do que seu corpo permite para realizar tal ação, isto pode atingir qualquer pessoa, mas em especial às crianças e adolescentes, tais implicações podem ser relativamente muito mais severas, isso por ainda estarem em processo de desenvolvimento físico, no que se refere ao desenvolvimento ainda incompleto de órgãos, ossos e músculos e por serem mais sensíveis.

Ao dialogar acerca do assunto com a educadora física Elida Felizardo, que atua em uma escola de rede pública de ensino na cidade de Sapé – PB, ela compreende que o esforço físico sendo a principal atividade realizada no trabalho de crianças e adolescentes, além de ser prejudicial à saúde, pode também levar àqueles indivíduos a um estresse físico e mental, isso porque o esforço físico que estão impondo não é algo planejado, visto também que não são adequados para a faixa etária a qual pertencem.

A profissional prossegue dizendo que os prejuízos para a saúde são enormes pois, a carga das quais eles [carregadores de feira e comerciantes] são submetidos, pode afetar não apenas no desenvolvimento físico no que se inclui o crescimento, como também no desenvolvimento motor e psicológico. Sobretudo, ainda existem os fatores externos como a exposição ao sol e a chuva que provavelmente fazem parte da rotina aonde eles são submetidos a enfrentar para efetivar aos trabalhos, dessa forma acarretando ainda mais prejuízos para a saúde.

Nesse sentido, é correto afirmar que, para cada idade existe uma recomendação específica a seguida para realizar o exercício físico, como também a necessidade deste exercício ser realizado com um acompanhamento profissional, para evitar danos à saúde, porém isso não ocorre com os então trabalhadores precoces, eles além de não terem acompanhamento também trabalham de modo não planejado, facilitando a aparecimento de doenças físicas e mentais.

III CAPÍTULO

A FEIRA LIVRE DE SAPÉ- PB E SEUS FILHOS CAÇULAS – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Lugar marcado pelo trabalho, onde famílias deixam de herança para seus filhos a vitalidade, humildade, força de vontade e sonhos a serem concretizados por meio do trabalho. Este capítulo busca trazer as motivações que fazem com que crianças e adolescentes sejam inseridos precocemente no mundo do trabalho, exercendo distintas funções no espaço da feira livre, como também buscar evidenciar as influências trazidas pelo trabalho à vida escolar destes mini adultos.

3 Apresentação do município e da feira livre de Nova Brasília

O município de Sapé – PB está situado na região geográfica de João Pessoa com apenas 42 km de distância da capital paraibana, com uma população estimada de 52.804 pessoas em 2020, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)⁵. É conhecida como a “cidade do abacaxi”, por ser um exportador da fruta na região, também é conhecida por ser a cidade natal do poeta Augusto dos Anjos e a cidade das Ligas Camponesas, período marcado pela luta em prol da reforma agrária e da melhoria das condições de vida no campo, liderado pelo camponês João Pedro Teixeira e sua esposa Elisabeth Teixeira.

No que se refere a educação e cultura, a cidade possui diversas escolas públicas e privadas, entra em destaque e como referência a Escola Cidadã Integral Monsenhor Odilon Alves Pedrosa, que atualmente dispõe o Ensino Médio. Quanto a cultura, Sapé têm os seguintes memoriais, o Memorial Augusto dos Anjos e o Memorial das Ligas Camponesas, as praças com ênfase na Praça de Eventos Dr. João Úrsulo, o Clube Atlético Sapeense local onde acontecia a famosa festa do Abacaxi entre outros e, claro as feiras livres também ganham espaço na cultura.

A cidade possui duas grandes feiras livres em locais distintos aos fins de semana, aos sábados a feira ocorre no centro da cidade e aos domingos ocorre no Bairro de Nova Brasília e, em decorrência de sua localidade a mesma é conhecida como Feira de Nova Brasília. Ambas as feiras visam pelo mesmo objetivo: ficarem próximas dos dois cantos da cidade, facilitando a ida da população, esta que procura ir para a mais próxima de sua residência. Vale ressaltar ainda

⁵ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/sape/panorama>. Acesso em: 20 Abr. 2021, às 17h.02

que, de segunda a sexta-feira ocorre uma pequena e pouco movimentada feira no centro da cidade.

A feira livre de Nova Brasília foi o lócus de estudo desta pesquisa, ela é localizada em um pátio em meio a supermercados, lojas, farmácias entre outros estabelecimentos e, conta com uma diversidade de produtos, barracas, comerciantes e consumidores. Ela ocorre apenas aos domingos das 05:00 horas da manhã até um pouco mais do meio dia e, a divisão dos setores de cada produto a ser comercializado é premeditada, facilitando assim o acesso para os frequentastes.

3.1 A feira e seus filhos caçulas – Um olhar para as diferentes percepções sobre o trabalho infanto-juvenil

Foram reservados quatro dias ao total para a realização da pesquisa a campo, nos quais foram destinados dois dias para as observações do trabalho infanto-juvenil na feira livre de Sapé – PB e diálogo com feirantes e, dois dias para a realização de entrevistas com os jovens trabalhadores e seus familiares. Esperou-se entender através das observações, quem eram as crianças e adolescentes e o que estavam fazendo no contexto da feira livre, como também buscar percepções dos feirantes acerca da inserção precoce destes jovens no trabalho.

No que se refere as observações... Era um domingo, o dia amanheceu chuvoso na cidade de Sapé – PB, o tráfego de pessoas estava moderado na feira de Nova Brasília, talvez porque as pessoas não queriam se molhar ao se deslocar para a feira ou talvez porque estavam se resguardando em casa devido a Pandemia do novo Coronavírus que estamos enfrentando atualmente, contudo, os comerciantes estavam eufóricos e enérgicos fazendo propagandas de suas mercadorias para suceder as vendas.

Ao entrar na feira, logo foi avistado uma criança de em torno 13 anos de idade na barraca de açougue de carne bovina, ajudando seu pai com as vendas, ele parecia comprometido na sua função de atendente e era atencioso com os clientes que chegara. Em mais outras duas barracas de feira próximas, foram notados outros garotos na mesma situação do filho do açougueiro, os quais estavam ali acompanhando e ajudando seus responsáveis com as vendas.

Andando um pouco pela feira, próximo das barracas de verduras, passaram dois garotos, eram irmãos com idades de 13 e 9 anos com um carro de mão, vendendo coentro por R\$ 1,00, eles abordavam os consumidores que por eles passavam, oferecendo a sua mercadoria. Ao contrário dos outros garotos descritos acima, estes estavam desacompanhados de um responsável.

Do outro lado rua, havia um grupo de aproximadamente quatro a sete garotos, de em torno de 9 a 15 anos de idade. Eles eram carregadores de mercadorias ou simplesmente carregadores de feira, estavam na calçada em frente a um supermercado, e juntos deles estavam os seus carros de mão, que é na verdade o instrumento de trabalho deles. Eles também estavam desacompanhados de adultos e aguardavam os clientes virem aborda-los.

Os carregadores de feira, enquanto aguardavam seus clientes chegarem, ficavam parados em pé conversando e rindo uns com os outros, como também estavam atentos ao movimento da feira e a tudo que acontecera. Mas, um deles chamou a atenção, ele estava vestido de camisa azul com listras brancas, bermuda e chinelos de dedo, sem máscara, pois estava fumando um cigarro, ele devia ter no máximo 15 anos de idade.

Poucos minutos depois, a feira ganhou mais movimento e conseqüentemente os garotos começaram a ser chamados para efetivar suas funções, com carros de mão cheios de mercadorias e provavelmente bem pesados, eles iam acompanhando seus clientes, mesmo perante a chuva que ainda respingava fraca. Aos que não eram chamados, ficavam com raiva, pois havia uma certa disputa para decidir quem iria.

Dois garotos também chamaram a atenção ao retornarem para o ponto de referência a qual se situam (calçada do supermercado), vinham brincando de molhar um ao outro com o acúmulo de água da chuva que ficara nas lonas das barracas dos feirantes, dando ênfase na infância que está presente e se preserva, mesmo perante da entrega da vida ao trabalho e das dificuldades enfrentadas.

No domingo seguinte, foi realizado um diálogo breve e informal com dois feirantes, um vendedor de feijão verde e outro vendedor de hortaliças, acerca do trabalho infanto-juvenil presente na feira, foi questionado a partir de suas percepções, quais eram os motivos que levam estes garotos a trabalharem precocemente, o primeiro respondeu que era para auxiliar financeiramente os pais e para poderem juntar dinheiro para comprar algum bem pessoal que almejam. Enquanto o outro respondeu firmemente e com certeza três prováveis motivos, motivos que ele afirma serem verídicos, pois ele conhecera três garotos com três realidades totalmente distintas: a primeira realidade que o pai tinha exaustão de trabalhar e obrigava o filho a exercer tal função; a segunda era que o garoto trabalhava para conseguir dinheiro para comprar drogas ilícitas e; a terceira era para realmente ajudar os pais a manter a casa.

Ainda, os dois feirantes comentaram que ambos passaram por tal situação, de trabalhar precocemente para ajudar os pais, e isso não afetou de maneira significativa a ponto de atrapalhar severamente nos estudos e chegar a repetir de ano, mas que a exaustão diária afetou um pouco na aprendizagem, e com isso foi indagado se eles acham que o trabalho pode vir a

interferir na escola e na saúde daqueles crianças e adolescentes, o que responderam positivamente, porém ressaltaram que se haver esforço não será um empecilho na escola, já para a saúde com certeza sofrerão posteriormente com alguma doença causada pelo esforço físico do trabalho.

Um olhar pode dizer coisas que ouvidos não conseguem ouvir, que a boca não consegue falar, mas, o coração certamente consegue sentir. E foi com esse olhar e esse sentimento, já predestinado do que procurar e livre para o colhimento de novas informações que essa observação foi realizada no espaço da feira livre. Vale ainda ressaltar que, a partir destas observações, foram constatadas a presença de três sujeitos principais de estudo que desempenham três funções e vivenciam realidades diferentes.

3.2 A feira e seus filhos caçulas – De frente para o público-alvo desta pesquisa

Destinou-se dois dias pra a realização das entrevistas desta pesquisa, os quais buscaram compreender as percepções dos familiares e dos jovens acerca do trabalho infanto-juvenil na feira, como também entender os motivos que contribuem para o trabalho precoce das crianças e adolescentes nos espaços da feira e suas interferências na educação.

No que corresponde a entrevista, vale mencionar que se fez o uso de um roteiro (**Apêndice A**) para nortear as indagações e discussões das entrevistas. Com base nas observações, fez-se a escolha de três jovens com realidades e funções de trabalho distintas: o carregador de feira, o comerciante e o auxiliar do pai. Por conseguinte, a entrevista foi feita com eles e com suas respectivas mães, onde as mesmas também autorizaram por meio de um termo de consentimento (**Apêndice B**) que seus filhos participassem da entrevista.

3.2.1 O carregador de feira

O garoto e sua família residem numa casa alugada em condição de vulnerabilidade socioeconômica, a casa é pequena, com pouca mobília e sem energia elétrica, vivem a mãe e o filho, este que trabalha carregando feiras nos fins e durante a semana. O adolescente tem total apoio de sua mãe para trabalhar, visto que ele contribui financeiramente para o sustento e contas da casa.

A mãe do menino relatou que a única renda familiar formal que recebem tem origem do Programa Bolsa Família, um valor de R\$ 230,00 e que, é impossível manter a casa e alimentação

com esse valor, então precisa que o filho trabalhe para conseguir uma renda que complemente e supra as necessidades da família.

O garoto tem 15 anos de idade, estuda o 1º ano do Ensino Médio em uma escola de rede pública e, já repetiu duas vezes no Ensino Fundamental II. Ele diz que seu trabalho não interfere nos estudos, mas que durante as aulas sente-se exausto e às vezes não consegue atender-se bastante às explicações dos professores.

Ele se denomina carregador de feira, onde aborda ou é abordado por consumidores da feira com o objetivo de levar as compras até suas devidas residências. Ele estima que ganha em torno de R\$ 30,00 em um dia de feira no fim de semana, e em média de metade deste valor durante a semana.

O garoto afirma que o trabalho traz certos benefícios, bem como a formação de responsabilidade, o apoio financeiro para mãe e, estimula a interação com outras pessoas que o possibilita de criar novas amizades. Porém, é um trabalho cansativo, por exigir o esforço físico para carregar as mercadorias pesadas dos clientes no carro de mão, que utiliza como instrumento de trabalho. E, por fazer isso diversas vezes ao dia, acaba sendo muito exaustivo e causa dores na coluna e nas mãos, mãos estas calejadas.

Dentre as coisas que aprende na feira, se destacam a facilidade de fazer cálculos, para passar troco aos clientes, como também ficar longe dos riscos presentes na rua, como por exemplo se afastar de pessoas de má índole que possam vir a influenciar para fazer coisas ilícitas, bem como usar drogas e roubar. E, ao ser questionado sobre a finalidade que o motiva a trabalhar, ele responde que é para ajudar financeiramente sua mãe e comprar remédios para a mesma, que é doente de osteoporose.

3.2.2 O comerciante

A família do jovem comerciante é constituída pelos pais, ele e um irmão mais novo, que o acompanha durante as vendas, sua residência é estável e aparentemente tem tudo o que precisam para viver, bem como mobília, água encanada e energia elétrica. Possuem um espaço de horta para plantar coentro e vender na feira.

Em conversa com a mãe, ela relatou que o garoto e seu irmão não têm o apoio familiar para que trabalhem, mas que diante a situação de vulnerabilidade econômica em que estão vivendo em decorrência da Pandemia, o seu esposo ficou desempregado, visto que ele que mantinha a família. Com essa situação, viu-se necessário que seus filhos fossem trabalhar para

auxiliar financeiramente em casa, na qual o pai fica responsável pelos cuidados com a horta, onde plantam coentro e os meninos o vendem na feira.

O menino tem 13 anos e estuda o 6º ano do Ensino Fundamental e, possui em seu histórico escolar uma repetência, inclusive recente referente ao ano passado (2020). Ainda, incrementou dizendo que o trabalho influencia na vida escolar, pois raramente tem tempo para estudar, e quando não está comercializando na feira, precisa ajudar o pai com o cultivo e plantio do coentro. Como também, enfrenta outro impasse que é justamente a falta de dinheiro para poder ter acesso sempre à internet para poder estudar de forma remota.

O jovem trabalhador juntamente com seu irmão, utiliza um carro de mão para transportar e vender a mercadoria. E, dependendo do dia, conseguem no máximo R\$ 40,00. Ao ser indagado se o trabalho traz benefícios, o menino afirma que sim, benefícios estes que podem o ajudar na vida adulta, funcionando como um incentivo para a formação de maturidade, como também aprende a dar o devido valor ao dinheiro conquistado e pode inspirar-se com o trabalho que os outros exercem na feira. Contudo, mesmo perante os benefícios que ele destaca, reconsidera ainda que o trabalho é exaustivo.

3.2.3 O auxiliar do pai

Filho de pai comerciante e mãe dedicada, ele é o filho mais velho de três irmãos, vivem em uma bela casa, onde aparentemente não falta nada. A família possui uma fazenda com bois e um açougue na feira para a venda de carne bovina, onde o menino acompanha o pai nos deveres do trabalho desde seus 9 anos, não por incentivo dos pais, mas por gostar de trabalhar e ter interesse de aprender técnicas de compra e venda das mercadorias, ou seja, técnicas administrativas. Por essa razão a criança passou a receber total apoio dos pais, além de ainda considerarem positiva sua inserção no trabalho, visto que futuramente possa assumir como herança o legado e os negócios da família.

O menino tem 13 anos de idade, estuda o 8º ano do Ensino Fundamental em uma escola de rede privada de ensino e possui histórico de uma repetência. Ele afirma que o trabalho não influencia negativamente em seus estudos, porém existe o fato de não gostar de estudar. Seus pais o incentivam muito a estudar e realizar suas atividades antes de sair para trabalhar, mesmo assim ele sente-se desmotivado e não atraído pelos estudos.

A criança em questão, é auxiliar do pai em quaisquer atividades que lhe for predestinada e não recebe dinheiro em troca disso e, mesmo assim não se sente frustrado, porque tem seu trabalho como uma vocação, todavia, os pais o recompensam com tudo o que ele almeja, já que

a família é estável socioeconomicamente. Por se tratar de um ofício que lhe agrada, o menino afirma que não se sente cansado ou exausto ao executar, pois quando chega do trabalho ainda tem muita energia para brincar e tentar estudar.

Quando questionado se existe benefícios e o que aprende trabalhando na feira, o menino diz que existe sim benefícios, os quais se relacionam com a aquisição de saberes e experiência naquela área da qual atua, bem como desenvolver cálculos, interagir com os clientes e aprende tudo no que se refere a carne bovina e administração do comércio. Ressaltando ainda que, pretende seguir uma carreira nesse ramo do comércio ou em medicina veterinária focada no atendimento e cuidado bovino e sabe que para isso, precisa se dedicar aos estudos.

Diferentemente dos outros dois garotos (carregador de feira e comerciante), a realidade e as motivações para trabalhar do auxiliar do pai são completamente distintas, visto que enquanto ele tem a opção de não trabalhar, dispõe de boa escola e bons estímulos recreativos, para os outros essa questão já não é uma opção, mas sim uma obrigação para suprir suas necessidades e as de suas famílias. Também é importante pontuar que, o auxiliar do pai gosta de trabalhar com o objetivo de futuramente administrar ou herdar o negócio da família, enquanto os outros dois meninos são vítimas da desigualdade social que os persegue e os impõe a trabalhar para sobreviver, deixando claro mais uma vez a presença das distintas classes sociais da sociedade, a privilegiada seguida de um futuro promissor e a não privilegiada resguardada a um futuro incerto.

3.3 Motivações e implicações para trocar o a vida recreativa e escolar pelo trabalho

É perceptível que existem muitas motivações e razões que fazem crianças e adolescentes procurarem o trabalho desde cedo, razões e motivações que vão além da busca pelo capital, são motivos que estão ocultos e que fazem parte da particularidade de cada indivíduo, de acordo com a sua realidade e posição na sociedade.

Na sociedade capitalista, os trabalhadores passam a serem vistos como sendo parte dos produtos em que vendem ou produzem e, dessa forma não são reconhecidos pelo que são e nem pela importância que assumem dentro da produção capitalista. E a classe que ver esse fato mais de perto, é a classe social de pessoas em estado de vulnerabilidade econômica, que para sobreviver necessitam que praticamente todos os membros da família, sem exceções de idade, se submetem a exploração do trabalho.

Na maioria das vezes, não é questão de apoio e sim de necessidade, seja ela econômica ou não, que as famílias não interfiram na ida de seus filhos para o trabalho laboral desde cedo.

A necessidade de dinheiro para custear os gastos domésticos e alimentícios; para ajudar os pais ou responsáveis; a necessidade de comprar algo que almeja, a necessidade do aprendizado para a sucessão futura do cargo ocupado pelo pai, são necessidades que na verdade não existiriam se o sistema capitalista e os órgãos públicos de apoio e proteção não fossem falhos em determinadas circunstâncias, mas que efetivamente atuassem protegendo e defendendo o direito à infância para todas as crianças.

Segundo Heckman (2005), as medidas para solucionar este impasse causado pela desigualdade social que afeta diretamente as classes em desvantagem socioeconômica têm que partir do Estado, tendo em vista ainda que a solução deve focar na promoção da educação.

É importante que a população mais afetada socioeconomicamente tenha o direito a uma renda mínima que seja descente e que supra as necessidades de sobrevivência, sem que seja necessária a interposição das crianças e adolescentes, e que para estes sejam oferecidas escolas em tempo integral de qualidade, escolas que levem em consideração suas singularidades.

A desigualdade social é um dos principais motivos que colaboram para que crianças e adolescentes tenham sua infância roubada, uma infância inserida e vivida no meio de adultos e do trabalho, sem recreação, sem o contato com a ludicidade e com exaustão para se dedicarem aos estudos. Porém, alguns benefícios são vistos, crianças e adolescentes que aprendem, mesmo fora do âmbito escolar, aprendem trabalhando na intenção de desenvolver a maturidade, aprender técnicas administrativas e de cálculos. É um aprendizado fundamentado pelo empirismo, pelo senso comum, é a educação popular aprendida na prática do cotidiano, mas que não é a aprendizagem que a sociedade valoriza.

Dentre as distintas realidades de jovens trabalhadores, percebe-se de modo geral que não trocam os estudos ou evadem-se da escola pelo trabalho, mas o trabalho age sim como um gatilho que os atrasa nos estudos, de modo que não percebem, mesmo diante das reprovações que se apresentam nos seus históricos escolares.

O trabalho causa exaustão mental e física nos jovens, mas principalmente a mental, deixando-os a um passo de desenvolver a Síndrome de Burnout também conhecida como “Síndrome do Esgotamento Profissional”, que é categorizada como sendo uma doença pela OMS (Organização Mundial de Saúde) que além de causar cansaço e exaustão mental, também diminui a produtividade e consecutivamente distanciamento de atividades intelectuais.

Quando o ambiente de trabalho é de algum modo tido como hostil, muito exigente tanto nas perspectivas financeiras como psicológicas, há uma grande tendência para desenvolver-se exaustão emocional e psíquica que irá impossibilitar àquele trabalhador de estudar e realizar suas atividades escolares com eficiência.

No que se refere às implicações físicas, que causam danos à saúde de crianças e adolescentes, podem-se citar fatores como dores de coluna, comprometimento na altura, na postura e no desenvolvimento dos órgãos e músculos, fatores estes que podem causar um certo desconforto e acometer diretamente também ao desempenho escolar, pois se não há um bem-estar físico, não há um bom rendimento nos estudos.

As implicações da exposição ao trabalho na rua podem ir além da desmotivação e afastamento dos estudos, pois podem também corroborar para o envolvimento na marginalidade, levando em consideração que, muitas vezes, essas crianças e adolescentes trabalham desacompanhados dos pais ou responsáveis, ficando assim literalmente vulneráveis a tal situação.

Portanto, pode-se afirmar que existem uma série de fatores que causam o mau rendimento escolar na vida dos jovens que trabalham precocemente no espaço da feira livre, fatores esses que passam despercebidos, mesmo com as comprovações que existem perante as reprovações nos históricos escolares e a falta de envolvimento e de comprometimento com as atividades intelectuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como finalidade encontrar os motivos que fazem com que os jovens iniciem no trabalho precocemente no espaço da feira livre e as formas em que se submetem a exploração do trabalho infanto-juvenil, bem como também enaltecer as implicações que comprometem negativamente a vida escolar. Com apoio dos referenciais teóricos e das metodologias de pesquisa que foram aplicadas, foi possível confirmar pressupostos e conhecer algumas realidades distintas, mas que compartilham do mesmo âmbito de trabalho e da mesma desigualdade social que os atingem.

O espaço das feiras livres são os locais escolhidos na contemporaneidade por diversas crianças e adolescentes que necessitam trabalhar, visto que é um lugar de bastante movimento e por consequência disso não falta trabalho. As formas e funções que estes sujeitos atuam são como carregadores de mercadorias, comerciantes e há os que acompanham os pais ou responsáveis que são comerciantes, para oferecer auxílio.

O público de jovens que atuam trabalhando na feira, é na grande maioria meninos com idade que variam de 9 a 15 anos, vítimas de um sistema falho, onde sua classe é a menos favorecida diante da sociedade. Na qual, se veem destinados a optar por viver a infância e passar por necessidades socioeconômicas ou trabalhar e ser explorado para ter uma vida um pouco mais digna, com dinheiro para comprar o necessário.

Os pais ou responsáveis legais destes jovens, percebem que a única opção é apoiar a inserção no trabalho, mesmo conhecendo os riscos que a exposição às ruas e falta de proteção oferece, ainda assim enxergam os benefícios que o trabalho traz, como desenvolver a responsabilidade e maturidade, o conhecimento empírico que os estimula a fazer cálculos com facilidade para passar trocos, o aprendizado para a realização da função que desempenham ou ainda, a preparação para um dia herdar dos pais o comércio.

Há duas problemáticas que motivam crianças e adolescentes a se inserirem precocemente no trabalho, como também há duas distintas realidades de classes sociais, a classe subalterna que enxerga o trabalho como um viés de sobrevivência e a classe dos privilegiados que, atuam no mundo do trabalho por opção e na posição de aprender a administrar negócios.

Espera-se que a realização deste trabalho possa trazer contribuições significativas para a área da educação, visando da importância que este tema aborda. Ainda, espera-se que iniciativas governamentais possam um dia, amenizar este impasse. As crianças e adolescentes devem viver como tal o que são, não devem ser injustiçadas ao interromper esta fase por falhas que não são deles.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia econômica**. São Paulo: Atlas, 1987.
- ANTUNES, Ricardo. **A dialética do trabalho**. In: O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho, São Paulo: Boitempo, 2005.
- ARAÚJO, Alexandre Moura; RIBEIRO, Eduardo Magalhães. **Feiras, feirantes e abastecimento: uma revisão da bibliografia brasileira sobre comercialização nas feiras livres**. Estudos Sociedade e Agricultura, v. 26, 2018.
- BRASIL. **Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente, 2017.
- DESLANDES, Suely Ferreira. Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). – Petrópolis, RJ: **Vozes**, 1994, 2007.
- GRAÇA, João (Org.). Saiba tudo sobre o trabalho infantil. **Ministério do Trabalho e Emprego**/Superintendência Regional do Trabalho e Emprego no Paraná. Curitiba: Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE), Governo Federal, 2009.
- FALEIROS, Vicente. Infância e processo político no Brasil. In: PILLOTTI, Francisco; RIZZINI, Irene (Orgs.). **A arte de governar crianças**. A história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Interamericano DelNiño/Santa Úrsula/Amais Livraria e Editora, 1995.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A pesquisa de abordagem históricocultural: um espaço educativo de constituição de sujeitos. Rio de Janeiro: **Revista TEIAS**, 2009.
- HECKMAN, James Joseph. Lessons from the technology of skill formation. **NBER Working Paper**, 2005.
- IBGE. Brasil/ Paraíba/ Sapé. Disponível em: [IBGE | Cidades@ | Paraíba | Sapé | Panorama](#). Acesso em: 20 Abr. 2021.
- Justiça do trabalho. Trabalho infantil está ligado a estrutura social que promove desigualdade. **Tribunal superior do trabalho**. Disponível em: http://www.tst.jus.br/noticias/-/asset_publisher/89Dk/content/trabalho-infantil-esta_ligado-a-estrutura-social-que-promove-desigualdade. Acesso em: 20 Set. 2020.
- KOHN, Daiana Cristina, ALVES, Luciane Maria. A percepção dos fumicultores em relação ao trabalho infantil. **J Nurs Health**, Pelotas, 2011. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/3439/2824>. Acesso em 20 mar. 2020

LEAL, Zaíra F. de Rezende Gonzalez; MASCAGNA, Gisele Cristina. Adolescência Trabalho, Educação e Formação Unilateral. In: FACCI, Marilda Gonçalves Dias (Org.). **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico do nascimento à velhice**. Campinas, SP: Autores Associados, 2016. (Coleção educação contemporânea).

LESSA, Sergio. Lukács: trabalho, objetivação, alienação. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 15, 1992. Disponível em: [SciELO - Brasil - Lukács: trabalho, objetivação, alienação Lukács: trabalho, objetivação, alienação](#). Acesso em 18 mar. 2021.

MARCÍLIO, Maria Luiza. História Social da Criança Abandonada. São Paulo: Hucitec, 2006. PASETTI, Edson. **Violentados: Crianças, Adolescentes e Justiça**. São Paulo: Imaginário, 1995.

MARCHI, Rita de Cassia. Trabalho infantil: representações sociais de sua instituição em Blumenau/SC. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, 2013. Editora UFPR.

MARX, Karl. **O capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MASLACH, Christina; SCHAUFELI, Wilmar; LEITER, Michael. Job Burnout (2001). **Annual Review Psychology**. Vol. 52, nº 1, p. 397-422. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/full/10.1146/annurev.psych.52.1.397>. Acesso em 20 mar. 2021.

MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro. Meninos e meninas de rua: impasse e dissonância na construção da identidade da criança e do adolescente na República Velha. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 19, 1999.

OLIVEIRA, Janine Patrícia Melo, et al. Trabalho infantil: Exploração do trabalho infantil e suas consequências no Brasil. **INTESA – Informativo Técnico do Semiárido (Pombal-PB)**, v.9, 2015.

OLIVER TWIST. Direção de Roman Polanski. Reino Unido, 2005.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação** v. 12, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>. Acesso em: 15 Dez. 2020.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. O problema de método. In. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

APÊNDICE A:

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS

Para os responsáveis legais:

1. Observar as condições e a realidade em que vivem
2. Questionar se a criança tem o apoio da família para trabalhar
3. Indagar as motivações existentes para que a criança trabalhe

Para as crianças:

1. Idade
2. Questionar se estuda, a série e se tem histórico de repetência
3. Perguntar o que a criança faz (função) e quanto ganha em um dia de trabalho
4. Questionar se existe benefícios no trabalho
5. Indagar o que aprende na feira
6. Perguntar com que finalidade a criança ou adolescente trabalha
7. Indagar se o trabalho é cansativo e exaustivo
8. Questionar se trabalho influencia negativamente nos estudos

APÊNDICE B:**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre **O trabalho infanto-juvenil na feira livre** e está sendo desenvolvida por **Maria Karoline Santana de Meireles**, do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação do(a) Prof(a) **Marcelo Saturnino da Silva**, cuja finalidade é ser apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Em conformidade com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal n. 8.069, de 13 de julho de 1990), eu _____, autorizo na qualidade de responsável legal, _____ nascido em ___/___/___, a realizar uma entrevista, cujos os objetivos são a) identificar os tipos de trabalho que são realizados pelas crianças e adolescentes no espaço da feira livre de Sapé; b) entender os motivos que contribuem para a inserção no trabalho; c) compreender relação do tempo de trabalho com os estudos.

*Por ocasião da publicação dos resultados, o nome dos pesquisados serão mantidos em sigilo absoluto.

*A pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Sapé, _____ de 2021.

(Assinatura do representante legal)